

PLATÃO, A DIALÉTICA E A RETÓRICA: RELACIONANDO COM O ENSINO DE FILOSOFIA

Maria Catarina Ananias de Araújo
Mestranda em Filosofia pelo Prof-Filo, núcleo UFCG
mariacatarinaan@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise a respeito dos conceitos de dialética e retórica a partir do pensamento do filósofo grego Platão apontando a importância deles para o rompimento com a sofística e a construção do pensamento filosófico. Platão é um crítico ferrenho do modelo sofista de ensino, segundo sua linha argumentativa os sofistas corrompiam a sociedade grega com uma forma de conhecimento baseado na doxa, no mero convencimento e na falta de compromisso com a verdade. O filósofo clássico defende então, o rompimento com a sofística e a construção do pensamento retórico e dialético com a saída mais viável para uma educação pautada na justiça e que visasse o bem comum. A partir da análise platônica sobre a dialética e a retórica filosófica também pretendemos realizar um breve aporte sobre a importância da dialética no ensino de filosofia.

Palavras-chave: Dialética, retórica, filosofia, ensino.

1.INTRODUÇÃO

O presente artigo visa apresentar a crítica do filósofo grego Platão ao movimento sofista e como ele busca construir a partir do desenvolvimento da retórica e da dialética um caminho para chegar ao conhecimento verdadeiro e uma educação autêntica. Assim sendo, as questões que norteiam este trabalho são:

1. A crítica ao modelo sofista de retórica e ensino.
2. A dialética e a retórica: a conceituação platônica.
3. Dialética: importante para o ensino de filosofia?

Na concepção platônica os sofistas prestavam um desserviço à comunidade ateniense por instruir os jovens a desenvolver um modelo de reflexão filosófica que relativizava a busca pela verdade e a própria ética. Por esse motivo, Platão propõe o uso da dialética e da retórica como instrumentos de combate a sofística.

Compreender a importância desses dois conceitos platônicos e sua utilização no ensino de filosofia em nossas escolas é o desafio dessa pesquisa, a fim de que o ensino filosófico contribua para a formação crítica dos nossos alunos.

2.METODOLOGIA

No que se refere à metodologia, se trata de uma pesquisa de cunho bibliográfico. Consequentemente, levantaremos um acervo teórico capaz de pavimentar e alicerçar o artigo, contemplando, aqui, primordialmente, textos fundamentados no pensamento de Platão, como também, expandindo a compreensão bibliográfica, a outros autores do campo de estudo da retórica e dialética.

Acreditamos na relevância desse estudo, ainda que em fase inicial, para compreendermos a crítica platônica aos sofistas, bem como o significado da retórica e da dialética em si mesmas e para o ensino de filosofia no contexto atual.

3.A CRÍTICA AO MODELO SOFISTA DE ENSINO

Os sofistas eram considerados os grandes educadores da Grécia antiga, dominavam muito bem a arte retórica que se embasa na persuasão, no convencimento, onde numa eventual disputa aquele que melhor argumenta vence, sem que esse discurso passe por uma investigação profunda sobre a lisura de seu conteúdo.

É preciso assinalar que os sofistas nutrem um notório desprezo por questões como a origem mais profunda das coisas e a composição da matéria e dos seres. Numa palavra, rejeitam totalmente a metafísica. Para eles, o que importa é aquilo que tem utilidade. O válido é o que se pode usar no dia a dia, aquilo que pode tornar a vida melhor e mais fácil. Não se deve perder tempo com abstrações que para nada servem (CASTRO,2013, p.2)

Essa forma de conceber as coisas dos sofistas representava na perspectiva de Platão, uma distorção do conhecimento, claro que a finalidade dos discursos, dos debates era desenvolver algo que torna-se a vida melhor, Platão não discorda disso, o que ele questiona é o modo de ser da retórica sofisticada, a falta de rigor, de propriedade, a fragilidade dos argumentos que visam apenas a persuasão.

Para Platão, a retórica que os sofistas ensinavam aos jovens atenienses não era usada para fins legítimos, visava confundir, manter a superficialidade dos problemas e prejudicavam o bom andamento da sociedade grega, pois disseminavam um conhecimento imperfeito. De acordo com PLATÃO (1972):

Todos aqueles que desempenham um papel nessas constituições [constituições imperfeitas] exceto aqueles que possuem conhecimentos, devem ser rejeitados como falsos políticos, partidários e criadores das piores ilusões e visionários deles próprios, momos e grandes charlatões e, por isso, os maiores sofistas de todos os sofistas. (PLATÃO, 1972, p. 260).

A passagem acima mencionada, não deixa dúvidas da acidez da crítica platônica aos sofistas, na filosofia de Platão a questão da justiça ocupa um lugar central, o conhecimento deve passar, necessariamente por critérios que nos conduzam ao bom, ao belo e ao justo e com isso a formação do cidadão justo. O pensamento Sofista, no entender platônico, vai na contramão dessas exigências, tanto na formação individual, quanto na formação da própria cidade. Conforme CASSAN (1990):

Do conjunto dos diálogos de Platão se destaca então a figura doravante tradicional da sofística. Ela é desconsiderada em todos os planos. Ontológico: o sofista não se ocupa do ser, mas se refugia no não-ser e no acidente; lógico: ele não busca a verdade nem o rigor dialético, mas apenas a opinião, a coerência aparente, a persuasão, e a vitória na justa oratória; ético, pedagógico e político: ele não tem em vista a sabedoria e a virtude, tanto para o indivíduo quanto para a cidade, mas visa ao poder pessoal e ao dinheiro; literário mesmo, já que as figuras de seu estilo são apenas intumescências de um vazio enciclopédico. (CASSAN, 1990. p. 9).

Segundo a linha de pensamento dos sofistas, o cidadão ideal é aquele que faz bom uso das palavras, que sabe argumentar, refutar e convencer e com isso construir uma verdade e uma justiça que dependerá da força da palavra, já a visão platônica acredita que o bom cidadão é aquele que busca o saber filosófico, que investiga com vigor e adquire uma visão do todo, não se limitando a singularidades.

Dessa forma, percebemos ainda que, numa breve exposição, que o pensamento platônico jamais admitia a sofística como uma filosofia autêntica, a sofística não passa de um simulacro da justiça que corrompe os atenienses. Como alternativa aos sofistas, ele propõe uma o desenvolvimento da retórica filosófica e da dialética, esta última como a arte perfeita para formar os cidadãos.

4.A RETÓRICA E A DIALÉTICA: A CONCEITUAÇÃO PLATÔNICA

Platão, em suas obras, não se satisfaz em apontar as falhas da sofística, ele se dispõe a formular uma nova forma de pensar que tem antes de tudo, tenha compromisso com a verdade e com a formação de indivíduos capazes de conduzir a sociedade ateniense para a justiça.

A primeira opção proposta pelo filósofo grego é retórica filosófica que tem inúmeras diferenças com a retórica sofística, a retórica filosófica tem como objetivo alcançar a ação virtuosa e para tanto deve-se evitar os fins imediatos.

O imediatismo da sofística representou um grande dano para os jovens atenienses porque os fez acreditar que a verdade, a justiça, o bom e o belo podem ser relativizados e com isso está ao alcance de qualquer ser sem maiores critérios. Essa ideia sofista inverte valores, ilude se fazendo acreditar em algo improvável, se fixa nas aparências. Na percepção platônica podemos definir a retórica sofista da seguinte forma:

Platão afirma que “a retórica não passa de pura adulação e adulteração do verdadeiro. ” Desse modo, pode-se até mesmo compará-la a arte, por seu falseamento: “Assim como a arte pretende imitar todas as coisas sem delas possuir um verdadeiro conhecimento, da mesma forma a retórica busca persuadir e convencer a todos sobre tudo sem dispor de conhecimento algum. ” (REALE; ANTISERI, 1990, p.151).

Nesse contexto, Platão vai ao encontro da filosofia para redefinir a retórica como o caminho seguro para o verdadeiro, defendendo que um orador autêntico e ético não fala somente para convencer, razão pela qual é fundamental que ele possua uma visão ampla as coisas, demonstrando que também pode a partir do todo separar as particularidades, deve também escolher bem o tipo de discurso para seus ouvintes, afim de atingir a alma.

Desse modo, no entendimento platônico, a retórica filosófica é aquela que usa da capacidade de pensar e argumentar do orador para atingir a alma dos ouvintes a fim de convencê-los para o interesse de todos.

O objetivo do discurso deve ser a ação humana, persuadir para o bem, ensinar os homens respeitando sua capacidade racional, não subestimar aqueles que escutam a fala,

estas são condições essenciais para evitar o falseamento da realidade e estabelecer a verdade dos fatos e a legítima arte. De acordo com PLATÃO (2000):

Se possuíres o conhecimento da verdade e sois capazes de a defender, se podeis ir, de viva voz, além do que escrevestes em vossos discursos, designação de retóricos não vos fica bem, pois melhor vos ficará uma denominação consentânea com a arte superior à que vos dedicais (PLATÃO,2000, p.128)

A arte superior é a dialética e o papel do filósofo é prezar pelo discurso coerente e verdadeiro, assim é possível defender e praticar a justiça e o bem comum refutando a lógica sofista, que intentava para os interesses pessoais e fins específicos. *“Dialética, para Platão, é “a verdadeira retórica”, que conduz à verdade das coisas, como diz o filósofo no diálogo Fedro, enquanto a retórica dos sofistas é a “falsa retórica”, um embuste, uma enganação, e por isso precisa ser rejeitada” (CASTRO,2013, p.13)*

Portanto, podemos perceber a dialética como consequência da retórica filosófica, a capacidade de bem pensar e argumentar produz o que Platão chama de “homens dialéticos” aqueles que são capazes de aprender a essência das coisas e usá-las para fins éticos.

O método dialético em si, consiste no diálogo entre ideias diferentes, partindo de uma opinião e da crítica para formular uma tese que pode ser verdadeira ou falsa e a partir dá aceitação ou não do arcabouço de argumentos apresentados, onde o mais importante é buscar sempre o conhecimento autêntico.

Platão desenvolve a dialética, um “jogo” cujo objetivo é chegar à verdade de uma determinada tese ou afirmação. Esse “jogo” consiste num intenso diálogo em que os interlocutores fazem uma série de perguntas e dão respostas um ao outro. Se, depois de tanto discutir, não chegarem a um acordo, isso significa que a tese é falsa. Se, porém, após muito diálogo, ambos chegam a um consenso e aceitam como válidos os argumentos empregados, é porque a tese é verdadeira e eles alcançaram a verdade (CASTRO,2013, p.13)

Dessa forma, a argumentação tem um papel central no desenrolar do diálogo, ela depende, a diferença dos sofistas, de um esforço racional constante, os argumentos devem estar muito claros, as controvérsias devem ser muito bem esmiuçadas, o problema tem de ser encarado em toda sua extensão.

É possível afirmar que, a dialética é uma disputa racional entre o falso e o verdadeiro, onde a argumentação do filósofo vai ser caracterizada pelos seguintes passos: a divisão, a revalidação, a união e superação para atingir a verdade. Como vemos, em nada o argumentar dialético se aproxima do argumentar sofisticado que não se importa com nenhum passo racional, apenas com a eloquência.

A persuasão pelas aparências opera no domínio da irracionalidade, concerne ao encantamento das almas e não à sua condução racional, que consiste na dissolução das aparências, na remoção dos obstáculos subjetivos e irracionais ao reconhecimento da verdade sobre o que as coisas são em si e por si mesmas (SANTOS,2013, p.255)

A dialética mostra-se assim, o caminho mais viável para romper com a doxa, para guiar os atenienses para a vida justa, a fala dialética exige rigor científico e propriedade daquele que defende sua tese e exige também posicionamento do indivíduo a respeito da realidade.

O pensar dialético, portanto, tem compromisso com a interpretação da realidade com o propósito de atingir a verdade, ou seja, aquilo que tem princípios e que não pode ser fragmentada. Por essa razão a dialética é a arte maior.

Assim é, meu caro Fedro! Todavia, acho muito mais bela a discussão destas coisas quando se semeiam palavras de acordo com a arte dialética, uma vez encontrada uma alma digna para receber as sementes! Quando se plantam discursos que se tornam auto-suficientes e que, em vez de se tornarem estéreis, produzem sementes e fecundam outras almas, perpetuando-se e dando ao que os possui o mais alto grau de felicidade que um homem pode atingir! (PLATÃO,2000, p.125)

Então, podemos constatar que a dialética propicia os elementos fundamentais, para a construção de um modelo de ensino e de vida baseados no compromisso com os valores da cidadania grega é a forma mais plena do saber.

5.DIALÉTICA: IMPORTANTE PARA O ENSINO DE FILOSOFIA?

Platão em seus escritos, notadamente na *República*, demonstra sempre preocupação com a formação humana, desenvolve sua teoria em prol da educação de homens bons, justos e comprometidos com o verdadeiro e a retórica filosófica e a dialética são elementos imprescindíveis.

Notamos então, que ambas são instrumentos para o ensino desde sempre, ocupando um espaço importante no pensamento grego e que por meio de ambas a capacidade argumentação atinge a integralidade alcançando fins importantes em todos os aspectos da vida.

Contextualizando a retórica e a dialética na atualidade, elas podem ser entendidas como dois importantes recursos do professor no ensino de filosofia? Primeiramente temos que realizar uma análise do que entendemos como ensinar filosofia.

Seguindo a linha de pensamento da professora e pesquisadora brasileira Elisete Tomazetti, o ensino de filosofia deve ser caracterizado pelo engajamento “*um engajamento na existência*” isso significa que ensinar filosofia implica em desenvolver no aluno sua capacidade crítica, reflexiva, instruindo-o para participar ativamente das decisões que influenciam o meio onde ele vive.

Nesse sentido, retomamos a crítica de platônica a lógica do convencimento dos sofistas, onde estes conduziam os discursos de modo que suas plateias apenas ouvissem passivamente a fala, onde ninguém era provocado a participar do debate. De certa forma, esse modelo de ensino ainda prevalece em nossas aulas, criando um desestímulo no aluno em querer aprender a filosofia. “*Por sua vez, o professor exerce seu ofício, interrogando apenas aquilo para o que já tem respostas em seu caderno, e a escola vai delimitando, então, para alunos e professores, sobre o que efetivamente significa pensar*” (TOMAZETTI,2010, p.41)

Certamente o modelo de formação que Platão defende difere completamente do que foi acima citado, ele propõe através da retórica e da dialética a formação crítica e ativa, onde os indivíduos sejam capazes de buscar as soluções mais plausíveis para os problemas que se apresentam, por intermédio do julgamento racional e ético.

Compreendendo desta forma, é possível nos dias atuais utilizarmos dos princípios retóricos e dialéticos para implementar um ensino de filosofia condizente com que propõe Saviani (1985, p.23) “*a filosofia é uma reflexão, radical, rigorosa e de conjunto sobre os problemas que a realidade apresenta*”,

A partir dessa definição, acreditamos que a educação platônica pode contribuir hoje para o ensino de filosofia desde que o professor se disponha a trabalhar dialeticamente em sala de aula. De acordo com PLATÃO (2000):

Eu também sou muito dado, caro Fedro, a esta maneira de reduzir e analisar as ideias, pois é o melhor processo de aprender a falar e a pensar, e sempre que me convenço de que alguém é capaz de aprender, simultaneamente, o todo e as partes de um objeto, decido-me a seguir esse homem como 'se seguisse as pegadas de um deus!'. (PLATÃO, 2000, p.102)

A dialética assim como a retórica filosófica promovem a capacidade de aprender as coisas de modo ativo e participativo, são métodos comprometidos com um ensino voltado para ética, para a conscientização política e contra o individualismo exacerbado.

Ainda segundo o prisma platônico, o método dialético ao buscar uma visão de conjunto das coisas, diminui o risco de cairmos em reducionismos e preconceitos que nos impedem de enxergar com clareza a realidade das coisas. Assim, respondendo à questão do enunciado se a dialética é importante para o ensino de filosofia? Acreditamos que sim, pois sua finalidade é aquisição de um conhecimento consistente e comprometido com a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, reproduzindo valores essenciais nos nossos dias.

Ressaltamos também, a atualidade do pensamento platônico e a importância de sua leitura para contextualizarmos os problemas que o ensino de filosofia enfrenta e como combatê-los.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ensino de filosofia em nossas escolas de educação básica, ainda enfrentam muitos problemas no sentido de desenvolver a consciência crítica dos estudantes. Nessa perspectiva, desenvolver um estudo sobre a utilização da retórica e dialética em sala de aula é de grande importância para aperfeiçoar o ensino filosófico.

Na discussão realizada neste artigo, buscamos resgatar no pensamento clássico, notadamente, no pensamento platônico desenvolver um estudo sobre a dialética e a retórica como método para o ensino de filosofia na atualidade por acreditarmos ser de grande valia compreender estes conceitos e sua possível aplicabilidade em sala de aula.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No pensamento de Platão os conceitos de retórica e dialética são apresentados como alternativa a sofística que dominava a sociedade ateniense e também como formas de educação e vida para os jovens. Romper com o ensino sofista é romper com a superficialidade e com a doxa.

Toda a iniciativa platônica concentra-se em desenvolver um método capaz de deter a sofística que como foi mencionado no decorrer desse artigo, corrompia os atenienses, por essa razão ele repensa o conceito de retórica e desenvolve o método dialético favorece o conhecimento crítico e a construção de argumentos sólidos na defesa daquilo que consideramos justo.

Nesse cenário, a filosofia tem como finalidade é o pensar dialético na conquista da autonomia dos homens libertando-os das crenças através dos debates e das conversações conduzidas pelo filósofo.

Pensando o ensino de filosofia hoje, onde objetivo é engajar os estudantes, fazendo com que eles se tornem capazes de reconhecer a realidade a sua volta através de um ensino ativo, podemos nos valer do método dialético em nossas aulas para tentar atingir essa meta.

É sob essa ótica que reconhecemos a retórica e a dialética platônicas como atuais e fundamentais no contexto do ensino de filosofia, são recursos viáveis para rompermos com a educação conteudista. Por isso, relacionamos a dialética com o ensino de filosofia hoje, porque assim como Platão desejamos que a filosofia deve ser ensinada com comprometimento com a ética e a justiça.

REFERENCIAS

CASTRO, Roberto C. G. *Platão contra os sofistas: sobre a retórica*. CEMOrOc-Feusp / IJI - Univ. do Porto / FIAMFAAM – Comunicação Social. Convent International 12 maio-agosto 2013.

CASSIN, Barbara. *O Efeito Sofístico*. São Paulo:1990.

PLATÃO. *Republica*. Editora Best Seller, Rio de Janeiro, 2002.

_____, *Fedro*, Guimarães Editores, Sexta Edição, Lisboa, 2000.

_____, *Sofista*. Tradução brasileira de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972. Os pensadores.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. São Paulo, Paulinas,1990, v. 1.

SANTOS. Luiz Henrique Lopes dos. *Retórica versus dialética: divagação a propósito do Górgias de Platão*. Revista Analytica. Volume 17, número 12.2013.

SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência Filosófica*. São Paulo: Cortez, 1985.

TOMAZETTI, Elisete M. *Filosofia no ensino médio e seu professor: algumas reflexões*. <Educação v. 27, n. 2, jul./dez. 2002 >

_____, *Sobre ensino, aprendizagem e resistência na aula de Filosofia do Ensino Médio*. Revista Sul-Americana de Filosofia da Educação –RESAFE. Número 13: novembro/2009 – abril/2010.